

Parceria na *educação profissional*

Paulo Renato Souza
Ministro da Educação

Quando assumi o Ministério da Educação encontrei um grande problema a ser solucionado: o do ensino profissional brasileiro. O modelo existente era ineficiente e não dispunha de meios para adaptar-se às mudanças exigidas pelo mundo contemporâneo. Depois de sete anos de governo, a realidade é bem diferente. O Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP) está construindo dezenas de escolas e criando centenas de milhares de vagas, além de substituir o currículo por matéria pelo currículo por competência, entre outras medidas inovadoras. Tudo isso dentro de um modelo de gestão que prioriza a auto-suficiência financeira e que responde diretamente às exigências de uma sociedade que não pára de mudar.

Antes havia uma enorme distorção na raiz do sistema: a simultaneidade, numa mesma escola, dos ensinos profissionalizante e médio. Nas escolas regulares de ensino médio, as "profissionalizantes", oferecia-se uma preparação para ofícios fora da realidade de mercado; e nas escolas técnicas federais, reconhecidas por sua qualidade de ensino, o exame de ingresso privilegiava jovens de classe média, futuros universitários, deixando de fora os alunos das classes populares, que aspiravam preparação para o trabalho. Era uma conta de perder. Perdia o setor produtivo, privado dos técnicos de que precisava. Perdiam aqueles que sonhavam em ser técnicos para ocupar essas vagas. Perdia o erário, que gastava mais para formar um candidato ao vestibular.

Tão importante como corrigir essa distorção era a necessidade de investir na criação de novas escolas e mais vagas de ensino profissionalizante na escala requerida pelo mercado de trabalho.

A solução apareceu numa conversa que tive com uma delegação de empresários de Santa Catarina. Eles pediam a criação de uma unidade de ensino da Escola Técnica Federal para sua cidade. Em contrapartida ofereciam uma região das mais importantes economicamente do estado. A reivindicação era justa, mas os recursos, escassos. Percebi que a solução que buscava para a educação profissional estava à minha frente. Para fazer o ensino profissionalizante crescer, tanto em número de vagas como em qualidade, não poderíamos continuar sozinhos. Precisávamos de parceiros: estados, empresários, trabalhadores e lideranças políticas locais.

O ministério deveria buscar novos recursos para investir na educação profissionalizante, aprofundando sua sintonia com o setor produtivo. Os novos parceiros fariam a sua parte. Receberiam recursos do governo para construir e equipar as escolas, preparar seus professores e desenvolver modelos de gestão e — fundamentalmente — cuidariam de sua manutenção e operação dentro de esquemas de sustentabilidade que seriam discutidos e aprovados pelo ministério. E assegurariam que seus currículos atendessem a suas reais necessidades de formação de quadros técnicos especializados. Respondi à delegação:

— Não são vocês que precisam de nós, é o governo que precisa de vocês. Se foram capazes de construir o progresso e bem-estar de sua região, com maior razão serão capazes de construir, em parceria conosco, a escola de que precisam. E melhor do que nós, serão capazes de mantê-la, administrá-la e geri-la, como novo instrumento em benefício do desenvolvimento de sua região e de seu estado.

A partir daí nasceu um novo paradigma para a Educação Profissional no Brasil. E, assim, os empresários daquela cidade de Santa Catarina obtiveram melhor resultado e tornaram-se parceiros do Governo Federal na educação brasileira.